

Uma invasão disfarçada em Brazlândia

Espalhados em vários focos pela cidade, os barracos, em sua maioria, têm energia que os invasores conseguiram com gambiarras

Rovênia Amorim
Da equipe do Correio

Só mesmo quem mora na invasão há mais tempo sabe apontar os novos barracos. Aqueles construídos com madeirite velha e que surgiram no final do ano passado, assim que as eleições terminaram. O menino Thiago, de 13 anos, indica uma ruela esburacada e cheia de lama. Semana passada, diz ele, quando andava de bicicleta por ali, viu dois deles sendo construídos.

Seguir a sua dica pouco adianta. Os barracos novos estão espalhados e disfarçados. Todos foram erguidos com madeirite gasta, encardida pelo tempo. Mas a invasão nova dentro da invasão antiga, que existe há mais de quatro anos, está lá. Isaura, uma dona-de-casa de 26 anos, é quem aponta os barracos novos. Só não revela o sobrenome. Tem medo de ser incomodada, depois, pelos novos moradores.

Os casebres de madeirite então aparecem, enfileirados entre as quadras 47 e 48 da expansão da Vila São José, em Brazlândia. São 70 barracos, quase todos com energia elétrica, roubada dos postes de luz por ligações clandestinas, as gambiarras. O conforto chega então de graça, ainda mais para quem tem geladeira e televisão.

Na porta de um barraco — esse, por exceção, construído com madeirite nova — está dona Maria Rodrigues da Silva. Em pé, com um prato de carne de costela e arroz na mão. São 11h30, hora do almoço. Sem receios, a piauiense de 66 anos, nasci-

da em Alto de João de Paiva, conta que chegou à invasão em novembro do ano passado. "O pessoal estava invadindo e a minha filha Francisca veio também. Eu só acompanhei", diz. Só a família dela tem quatro barracos na invasão.

Falar de derrubada é assunto que interessa. Logo outras mulheres, algumas com crianças no colo, aproximam-se. A mineira Rosilene Martins, 41 anos, já chega nervosa. "Se derrubarem, nós vamos para debaixo da ponte e aí acaba de melhorar, né?", reclama a mulher, mãe de nove filhos — quatro morando com ela. Depois vai logo cobrando: "Por que que os que estão aí há mais de quatro anos conseguiram lotar e nós não?"

Os que estão na invasão há mais de quatro anos são 1.200 famílias, assentadas ainda no final do último governo Joaquim Roriz. O lugar não tem nenhuma infra-estrutura, nem energia elétrica, nem esgoto sanitário. A água vem de caminhão-pipa, que enche os tambores em frente dos barracos.

CAMPANHA

O problema é que o assentamento nunca parou de crescer. O administrador de Brazlândia, Eliovaldo José Ferreira, calcula em mil os barracos espalhados pela antiga invasão. Ocupam áreas destinadas, por exemplo, a construção de escolas.

Nem dez minutos de conversa e os moradores começam a se exaltar. Lembram os discursos de campanha do então candidato. "O Roriz subiu naquele tambor de água ali e disse

Jefferson Rudy



Maria Rodrigues é quem acalma e dá esperança aos invasores: "Não se apavorem, não. Se forem derrubar, mandam avisar a gente. Então a gente conversa"

que não ia tirar ninguém. E prometeu que a próxima vez que voltasse aqui seria para fazer discurso sobre uma caixinha de esgoto", conta Iara Cristina de Oliveira, 26 anos, mãe de dois filhos, como ela nascidos no Distrito Federal.

Maria Rodrigues é quem acalma e dá esperança aos invasores. Larga o prato de comida, já vazio, no barraco e volta para tranqüilizar a vizinhança. "Não se apavorem, não. Se forem derrubar, mandam avisar a gente. Então a gente conversa. Diz que não tem pra onde ir", fala a piauiense. E pede mais fé para o povo. Tanto a Deus como aos políticos que passaram por lá durante a campanha eleitoral do ano passado.

"Deus é bom e vai ajudar a gente. Tenham fé em Deus. Lembrem-se do Edimar Pireneus (deputado

distrital do PMDB, que tem Brazlândia como base eleitoral). De quando ele veio aqui e bateu nos peitos. Ele disse que era pra gente ter calma e paciência. Que não haveria nenhuma retirada com violência e sem conversar antes."

VILA DOS RODOVIÁRIOS

Ainda no assentamento da Vila São José outra invasão toma forma. Fica a 50 metros das margens do Km 20 da DF-180, rodovia que segue para Padre Bernardo, em Goiás. É a Vila dos Rodoviários, onde os barracos de madeirite começam a ser transformados em casas de alvenaria. Na entrada da invasão, vê-se uma enorme placa: "Vila dos Rodoviários — 115 moradores, 52 crianças. Aqui moram 33 famílias de rodoviários de Brazlândia."

Henrique da Silva, 47 anos, motorista da empresa Lotaxi, passa de carro pela reportagem. Pára. Quer falar. Troca a palavra invasão por ocupação para explicar que estão ali desde 1º de outubro de 1998. "Tinha esse cantinho desocupado e o aluguel nunca deixava a gente comprar um lote", diz ele, que é do Piauí, Flores do Piauí. Diz estar no DF há dez anos.

Depois pára outro carro. Salta dele, Damião Miguel, 38 anos, cobrador de ônibus da Viplan. "Não houve nenhuma autorização para a gente vir pra cá. Foi a necessidade mesmo dos rodoviários", diz. Damião mora há cinco meses na invasão; tem três filhos e ganha R\$ 306,00 por mês. "É o único salário lá de casa. A mulher cuida da casa e dos meninos."

Os rodoviários querem formar e registrar uma associação e sensibilizar o governo para que volte a atender os grupos organizados. Mas o administrador de Brazlândia não dá esperanças aos invasores. Eliovaldo José Ferreira adianta que todas as invasões em Brazlândia serão erradicadas.

Uma das primeiras, na mira das derrubadas, é a invasão da quadra 1 do Setor Sul. Lá, segundo o administrador, existem 180 barracos. Um deles é o da mineira Iosmira da Silva Ramos, 35 anos, mãe de dois filhos. "Fico com o coração na mão. Fica correndo o boato de que vão derrubar e a toda hora podem chegar. Não posso nem sair de casa", conta a mulher que diz ter votado em Roriz, com boné do então candidato José Roberto Arruda na cabeça.